

NO VENTRE DO MUNDO: O ALEGRE CANTO DA PERDIZ, DE PAULINA CHIZIANE

Demilson Moreira Rodrigues¹

Resumo: Este artigo propõe uma leitura do romance *O alegre canto da perdiz*, da escritora moçambicana Paulina Chiziane. Procuramos analisar aspectos do conceito de hibridismo, identidade e sociedade no debate contemporâneo dos estudos pós-coloniais, dos conflitos identitários e a formação de uma literatura de fundação da nação moçambicana através do relato ficcional.

Palavras-chave: Colonialismo; estudos pós-coloniais; hibridismo; identidade; literatura moçambicana.

Abstract: This work aims a read of the novel *O alegre canto da perdiz*, by Paulina Chiziane. We tried to analyze aspects of the concept of hybridity, identity and society in the contemporary discussion of postcolonial studies, identity conflicts and the formation of one literature of foundation in the mozambican nation, through the fictional account.

Keywords: Colonialism; post-colonialism studies; hybridism; identity; mozambican literature.

Introdução

Este artigo propõe uma leitura do romance *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane, publicado em Portugal no ano de 2008. Através de análise contextual procuraremos identificar aspectos do conceito de hibridismo, identidade e sociedade no debate contemporâneo dos Estudos Culturais e Pós-Coloniais. Discutiremos questões que dizem

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus Universitário de Tangará da Serra. E-mail: demilson.rodrigues@gmail.com



respeito à situação do sujeito colonizado e a submissão e opressão a que foram submetidas às mulheres moçambicanas no período colonial.

Integrados aos estudos comparados na década de 70, os Estudos Culturais e Pós-Coloniais imprimiram à Literatura Comparada um caráter interdisciplinar em que o confronto entre dois autores de nacionalidades e grupos linguísticos distintos deixaram de ser o principal objeto de comparação. Este deslocamento do foco de análise dos estudos comparados emergiu com a discussão que terminou por incluir os Estudos Culturais e Pós-Coloniais como um novo campo investigativo dos estudos comparativos literários na década de 90. Entretanto, Tania Franco Carvalho já discutia esta condição da disciplina de sinônimo unilateral de comparação na obra *Literatura Comparada*, de 1986.

A interdisciplinaridade da disciplina permitiu o desencadeamento de uma série de questões como identidade cultural, cânone e literatura marginal/pós-colonial e memória para o centro de discussão dos estudos comparados. Diversas áreas do conhecimento como Linguística, História, Geografia, Sociologia e Antropologia também foram veiculadas aos estudos da Literatura Comparada. A História e a Geografia, principalmente, tornaram-se disciplinas de grande relevância para estes estudos, contribuindo para a contextualização da literatura produzida em espaços descolonizados e de culturas distintas.

O comparativismo literário assume então, enquanto epistemologia do pós-colonialismo, a autoridade de analisar valores impostos pelo discurso eurocêntrico, cuja característica principal gira em torno da celebração da cultura do branco europeu como única referência cultural, conforme afirmam Edward Said e Homi k. Bhabha, que juntos de Stuart



Hall formam a tríade dos principais pesquisadores dos Estudos Culturais e Pós-Coloniais.

Said, Bhabha e Hall discutem as principais ramificações teóricas que norteiam os estudos da contemporaneidade como hibridez cultural, ocidente *versus* oriente, diáspora, identidade e representação. Said inaugurou o movimento revisionismo histórico ao contestar o discurso da metrópole e exaltar as identidades e culturas marginalizadas pelo eurocentrismo. Neste contexto, a ficção, assim como os registros históricos, também tornou-se objeto de análise para a reflexão acerca da hibridização cultural, de construção identitária e de resistência e representação de uma sociedade. A História de um povo contada por meio da narrativa ficcional.

Em *O alegre canto da perdiz*, Chiziane recorre ao relato ficcional para denunciar, por meio de diversas vozes femininas de gerações distintas, as mazelas que foram submetidas o povo e, principalmente, a mulher moçambicana durante o período colonial. A romancista risca com extrema sensibilidade uma linha tênue do sujeito em conflito com as transformações ocorridas no seu espaço natural e dividido entre a tradição e a modernidade imposta pela colonização. Chiziane se utiliza de elementos da natureza e de características da sociedade tradicional e de aspectos culturais de ordem mítica de seu povo na construção do enredo de seu romance.

Considerações sobre a literatura comparada

A nova configuração dos estudos comparados, decorrente do deslocamento do objeto de análise primário para as questões ligadas à



identidade nacional e cultural, foi ampliada pelas correntes filosóficas do Desconstrutivismo, da Nova História e dos Estudos Culturais e Pós-Coloniais. As inclusões de novas perspectivas de estudos e as ampliações do campo de pesquisa permitiram a Literatura Comparada aproximar a literatura de outros domínios de expressão e de conhecimento. Segundo Pichois e Rousseau (*apud* Perrone-Moisés):

A literatura comparada é a arte metódica, pela busca de ligações de analogia, de parentesco e de influência, de aproximar a literatura dos outros domínios da expressão ou do conhecimento, ou então os fatos e os textos literários entre eles, distantes ou não no tempo e no espaço, contanto que eles pertençam a várias línguas ou várias culturas participando de uma mesma tradição, a fim de melhor descrevê-los, compreendê-los e apreciá-los. (*apud* PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 92).

Tania Franco Carvalhal contesta esta definição:

[...] ao aproximar elementos parecidos ou idênticos e só lidando com eles, o comparativista perde de vista a determinação da peculiaridade de cada autor ou texto e os procedimentos criativos que caracterizam a interação entre eles. (CARVALHAL, 1986, p. 31).

Para Carvalhal (1986), a Literatura Comparada não pode ser entendida como sinônimo de “comparação” com métodos pré-fabricados e orientação unilateral, mas como um vasto campo de atuação com condições de investigar variados sistemas e movimentos literários, questões de identidade cultural, cânone e literatura marginal e pós-colonial e memorialismo dentre outros interesses de diversas áreas do conhecimento das ciências humanas. Segundo Abdala Junior:

Esse descentramento solicita uma teoria literária descolonizada, com critérios próprios de valor. Em termos de literatura comparada, o mesmo impulso nos



leva a enfatizar estudos pelos paralelos – um conceito mais amplo que o geográfico e que envolve simetrias socioculturais. (ABDALA JUNIOR, 2003, p. 67).

Assim como trouxe para o centro de discussão uma série de questões relacionadas entre tradição local (colonizado) e do outro (colonizador), o caráter internacional e interdisciplinar dos estudos comparatistas propõe uma revisão do cânone. Segundo Coutinho,

[...] não se pode mais pensar a história em termos de um esquema linear e unicultural, mas apenas como a articulação de sistemas que se imbricam, superpõem e transformam constantemente; se não se pode mais restringir a produção de um povo a um espaço arbitrariamente construído por razões de hegemonia políticoeconômica, mas, ao contrário, encarar esse espaço como um *locus* móvel e plural. (COUTINHO, 2003, p. 85).

A mobilidade e o pluralismo literário de culturas distintas tornaram-se pontos de reflexão para a Literatura Comparada, que desde os primórdios esteve atrelada numa relação entre literatura e cultura. Devido às transformações ocorridas diariamente, o que se pretende, atualmente, é uma comparação em diversos níveis.

Novos campos investigativos

A teoria Pós-Colonial surge na segunda metade do século XX diante das transformações do cenário mundial e com o intuito de investigar os processos de descolonização e globalização das antigas colônias. Segundo Laura Cavalcante Padilha (2008), foi neste período que ocorreu “a descoberta do véu sob o qual se encobriam as culturas africanas” (PADILHA, 2008, p.13). Tal qual o sujeito descolonizado, o véu também rasgou-se para a criação literária produzida neste espaço e



que, denominada como literatura periférica, tornou-se matéria prima para o estudo da teoria e da crítica pós-colonial.

Sergio Costa afirma que os Estudos Pós-Colonial não estabelece uma matriz teórica única, mas

[...] de uma variedade de contribuições com orientações distintas, mas que apresentam como característica comum esforço de esboçar, pelo método da desconstrução dos essencialismos, uma referência epistemológica crítica às concepções dominantes da modernidade. [...] iniciada por aqueles autores qualificados como intelectuais da diáspora negra ou migratória-fundamentalmente imigrantes oriundos de países pobres que vivem na Europa Ocidental e na América do Norte – teve, na crítica literária, sobretudo na Inglaterra e nos EUA, a partir dos anos 1980, suas áreas pioneiras de difusão. (COSTA, 2006, p. 84).

Segundo Bhabha (1998), os estudos comparados procuram analisar os valores estabelecidos pela metrópole e denunciam “os discursos ideológicos da modernidade que tentam dar uma normalidade hegemônica ao desenvolvimento das histórias diferenciadas de nações, raças, comunidades, povos” (1998, p. 239).

Edward Said (1999) também denuncia este discurso eurocêntrico que repele outras literaturas e sociedades. Segundo Said, nos discursos latentes dos pensadores europeus reverberavam a supremacia da cultura nacional: “É evidente que inúmeros pensadores europeus ao celebrar a humanidade e a cultura, estavam celebrando, sobretudo, ideias e valores que atribuíam a suas próprias culturas nacionais.” (SAID, 1999, p. 79).

O revisionismo histórico ocorrido nas últimas décadas e proposto por Said tem como objetivo “analisar como algumas ramificações teóricas contemporâneas, como, por exemplo, as teorias da hibridez



cultural e da tradução da diferença social, podem ir além das polaridades ocidente/oriente, mesmo/outro, centro/periferia” (PRYSTHON, 2004, p.01) Ainda sobre o pensamento de Said, Prysthon afirma:

A reescrita periférica da História, ou a desconstrução do ocidente feita pelos estudos pós-coloniais, portanto, implica num constante ataque à hegemonia ocidental e, se não uma completa inversão dos valores do cosmopolitismo convencional, uma reacomodação do cânone cultural, o des-centramento anunciado pelas teorias pós-modernas, enfim. (PRYSTHON, 2004, p. 08-09).

O propósito da discussão dos estudos pós-coloniais gira em torno da contestação do discurso da metrópole ao mesmo tempo em que busca compreender e reconhecer as identidades culturais marginalizados pelo discurso eurocêntrico.

Pós-colonialismo e literatura

Aqui discutiremos o romance *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane, obra representativa da literatura produzida no período pós-colonial, em Moçambique. A narrativa ficcional de Chiziane fala das transformações do espaço e do sujeito africano recém-liberto na busca da criação e resgate de sua identidade e também de questões como colonizador e colonizado, centro e periferia, nós e eles, dentro e fora. Anuncia uma literatura de fundação da nação moçambicana.

Considerada pela crítica uma revelação promissora da literatura de seu país, Paulina Chiziane conta com uma vasta produção literária e a alcunha de ser a primeira mulher a publicar um romance em Moçambique. Uma voz destoante de um cenário literário predominantemente masculino.



Nascida em Manjacaze, província de Gaza, em 1955, tem tido suas obras publicadas e referidas em seu país e no exterior. Antes da publicação em 2008 de *O alegre canto da perdiz*, Chiziane havia publicado *Ventos do Apocalipse* (1999), *O sétimo juramento* (2000), *Niketche, uma história de poligamia* (2002), *Balada de amor ao vento* (2003), a trilogia de contos *As andorinhas* (2008), e feito algumas outras colaborações como ficcionista em periódicos locais.

Chiziane nasceu e viveu no campo e até os sete anos de idade falava o chope, idioma nativo local. Mais tarde, já morando no subúrbio da capital, Maputo, para onde mudou-se a fim de estudar, se comunicava em ronga enquanto era alfabetizada em português. Lutou na guerra como membro da FRELIMO - Frente de Libertação de Moçambique - até a independência deste dos poderes dos colonizadores portugueses, em 1975. Mas sua militância persiste nas suas atividades literárias que teve início em 1984.

Natureza e sociedade primária são temas recorrentes de sua criação literária, que busca dialogar com o sujeito dividido entre tradição e modernidade imposta pelo colonizador europeu. Chiziane busca, pelo viés da ficção, o resgate de suas origens, ao mesmo tempo em que denuncia as atrocidades cometidas pelos colonizadores com seu povo.

Em *O alegre canto da perdiz*, Chiziane elabora uma narrativa com elementos próprios da oralidade de uma determinada cultura e sociedade. A romancista discute, por meio de vozes femininas de gerações distintas, questões fundamentais que determinam a condição histórica, social e política da mulher moçambicana e revela traços biográficos em uma narrativa ficcional.



O enredo de *O alegre canto da perdiz* coloca em trinta e cinco capítulos a saga das personagens Delfina e Maria das Dores, mãe e filha respectivamente, e de várias outras personagens femininas durante o período colonial. Denuncia a condição em que a mulher foi submetida durante a colonização e constrói uma criação literária abordando temas pertinentes como o racismo, a assimilação e miscigenação, a ambição e conflitos entre raças e sexo, as contradições da vida, o arrependimento, o reencontro e a reconciliação. É também através dessas vozes que a romancista relê a origem do seu povo, da história da África e do feminino na criação humana.

Chiziane inicia o romance com a personagem Maria das Dores nua a tomar banho no rio Licungo depois de caminhar por vários anos a procura de seus três filhos perdidos: “Os pés da mulher nua contaram já muitas pedras no caminho” (CHIZIANE, 2008, p. 13). E logo na primeira cena um corpo feminino surge no silêncio das águas desafiando uma ordem estabelecida e os costumes do povo da vila Gurué: “Um grito colectivo. Um refrão. Há uma mulher nua nas margens do rio Licungo. Do lado dos homens.” (CHIZIANE, 2008, p. 11). Em seguida o narrador pergunta quem é aquela aparição tão negra quanto uma escultura de pau-preto, tatuada ventre e corpo, nua, sentada na posição de lótus, na beira do rio do lado proibido, do lado masculino: “- Quem é essa mulher que tem a coragem de se banhar no lugar privado dos nossos homens, quebrando as normas do local, quem é?” (CHIZIANE, 2008, p. 11-12). A resposta para tal questionamento vai aparecendo, assim como aquela aparição, ao longo da narrativa:

Ali estava a heroína do dia. Protegida na fortaleza do rio. Num trono de água. Que venceu um exército de



mulheres e colocou desordem na moral pública. Que desafiou os hábitos da terra e conspurcou o santuário dos homens. [...] Maria das Dores é o seu nome. (CHIZIANE, 2008, p. 16).

E aos poucos, sob uma sombra de mistérios e dos mitos da Zambézia, numa narrativa fragmentada e entrelaçada com outras estórias, que Chiziane concebe a genealogia da personagem. Em Maria das Dores estão todas as mulheres da África e os traumas da colonização, da escravidão, da guerra, do preconceito de gênero, de raça e a luta pela sobrevivência:

Eu sou a Maria das Dores, e sei que o choro de uma mulher tem a força de uma nascente. Sei com quantos passos mulher se percorre o perímetro do mundo. Com quantas dores se faz uma vida, com quantos espinhos se faz uma ferida. Mas não tenho nome. Nem sombra. Nem existência. Sou uma borboleta incolor, disforme. Das palavras conheço as injúrias, e dos gestos, as agressões. Tenho o coração quebrado. O silêncio e a solidão me habitam. Eu sou a Maria das Dores, aquela que ninguém vê. (CHIZIANE, 2008, p. 18).

Chiziane utiliza-se de linguagem poética como “não tenho nome” e “nem sombra” e “nem existência” e de metáforas como “sou uma borboleta incolor, disforme” como significação para acentuar as aflições femininas. Delfina, a mãe de Maria das Dores, também representa outra característica do colonialismo: o apagamento da cultura autóctone e a sua substituição pela cultura do colonizador. Delfina rejeita a raça, língua e religião dentre outros costumes de seu grupo social e transgredi regras morais estabelecidas para as mulheres de seu país e tempo na busca de melhores condições de vida. Delfina “coisifica” o corpo feminino e anuncia um pretense apuramento racial: o embranquecimento da raça.



Gerar herdeiros do homem branco colonizador representava para a personagem uma ponte para a ascensão social e econômica. Do ventre negro vinha à liberdade da África.

- Por que não me fizeste com um branco, mãe? Felizes são as mulatas e as brancas, que nasceram com diamantes no corpo.

- Para quê esta tortura? És preta e ainda bem. Os marinheiros brancos são excêntricos, são predadores do exótico e tu és linda! Não faltará um branco para morrer de amor por ti, minha filha. (CHIZIANE, 2008, p. 84).

Chiziane ficcionaliza a mestiçagem de seu povo: “no princípio éramos apenas um. Um povo. Uma família, um exército de resistência. De repente ficamos diferentes.” (CHIZIANE, 2008, p. 128). O elemento *diferenciador* proferido pelo narrador nos remete ao conceito de terceiro espaço desenvolvido por Bhabha em *O local da Cultura* (1998) e demonstra o conflito de identidade pelo qual vive a personagem. Delfina descobre o seu valor na cor negra de sua pele que rejeita, a mesma pele que cobre o corpo que se torna sua única arma de luta para ascensão socioeconômica.

Para Maria Geralda de Miranda (2010), é impossível ler o romance em questão sem

[...] refletir sobre os traumas da colonização, da escravidão e das guerras, sem pensar em projetos de reconstrução da vida comunitária, na dicotomia entre cidade e aldeia, passado e presente. Espaços e tempos que se polarizam e se interpenetram, principalmente, a partir de uma instituição africana muito forte que é a família. Não é à toa que, no final do romance, os filhos e José dos Montes acabam reconciliando com Delfina. Maria das Dores se reconcilia com Simba. O feiticeiro encontra o padre, seu filho, ao pé dos



montes Namuli, concebidos na obra como espaço simbólico da origem da humanidade, local de retorno para todos. (MIRANDA, 2010, disponível em <http://www.omarrare.uerj.br/numero12/maria.html>. Acessado dia 21/08/14).

Embora as personagens femininas constituam o núcleo central do enredo do romance, a voz de José dos Montes assume importante relevância ao denunciar o percurso do estatuto de assimilação do negro à cultura ocidental. O objetivo principal da assimilação do negro colonizado à cultura do branco europeu colonizador é o apagamento da identidade desse sujeito, que desintegrado de seu grupo étnico tradicional e sem conseguir um lugar na sociedade colonial acaba sendo relegado a uma terceira categoria de indivíduo. Pelo amor de Delfina, José dos Montes submete-se ao processo de assimilação abdicando de seus hábitos alimentares, de suas vestimentas e de sua língua. Entretanto, no decorrer da ação a personagem percebe que não conseguirá jamais tornar-se um deles.

O romance de Chiziane revela características próprias do povo africano como reconciliação, constituição e unidade familiar. Discute, também, fé, religião e lendas mitológicas da crença de seu povo. Ilustra, de forma poética, a criação humana pelo ventre africano.

Considerações finais

A teoria dos Estudos Pós-Colonial surgiu na segunda metade do século XX, como já discutimos aqui, num processo investigativo da descolonização e globalização das antigas colônias, divergindo com o discurso eurocêntrico e contribuindo para o estudo do multiculturalismo.



Na atualidade, os pontos investigativos dos estudos comparados são os conflitos de identidade e questões que dizem respeito à situação do sujeito colonizado e as reflexões acerca do (re)conhecimento cultural de antigas colônias. Diante disso, a literatura africana assume um lugar de suma importância e um campo fértil para o comparativismo literário da pós-independência devido o espaço em constantes transformações no qual é produzida.

O alegre canto da perdiz permite uma profunda investigação dos novos parâmetros dos estudos comparados ao narrar a submissão a que as mulheres e o povo africano foram submetidos durante o período colonial. A voz feminina que narra a vida do povo, das mulheres e a história da África, coloca o continente africano como o ventre da humanidade.

Chiziane aborda questões relevantes como o surgimento de uma “terceira raça” e de um terceiro elemento pelo processo de mestiçagem. Construí uma narrativa calçada em temas pertinentes para o estudo humano. Elementos da natureza e da sociedade tradicional subvertem-se em material de criação de sua arte. Chiziane utiliza-se de um corpo feminino nu que surge no silêncio das águas para falar de todas as mulheres africanas que sofreram os traumas da colonização, da escravidão, da guerra, do preconceito de gênero e de raça na luta pela sobrevivência.

Referências

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **De Vãos e Ilhas: literatura e comunitarismos**. 1º ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.



BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. 2º edição. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. São Paulo: Ática, 1986.

CAVALCANTE, L. P. **Entre voz e letra: o lugar da ascencialidade na ficção angola do século XX**. 2º edição. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

CHIZIANE, Paulina. **O alegre canto da perdiz**. 1ª edição. Caminho: Lisboa, 2008.

COSTA, Sérgio. **Dois atlânticos: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo**. 1º edição. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

COUTINHO, Eduardo. **Literatura comparada na América Latina: ensaios**. 1º edição. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003.

MIRANDA, M. G. O alegre canto da perdiz, de Paulina Chiziane. In: **O MARRARE – Revista da Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da UERJ**. Vol. 12. Ano 2010. Disponível em <http://www.omarrare.uerj.br/numero12/maria.html>, acessado dia 21/08/14.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Flores da escrivantina: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PRYSTHON, Angela. Interseções da teoria crítica contemporânea: estudos culturais, pós-colonialismo e comunicação. In: **Revista E-Compós**. Volume 01. Dez. 2004.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.



_____. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. A esfera do humanismo. In: _____. **Humanismo e crítica democrática.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

TEIXEIRA, A. L. Lendo a Zambézia: processos de hibridação em O alegre canto da perdiz. In: **SCRIPTA.** Belo Horizonte. Volume 13, p. 224. Ano 2009.

